

BEBIDAS, PANACÉIAS, GARRAFAS E COPOS: A AMOSTRA DE VIDROS DO SOLAR LOPO GONÇALVES

*Luís Cláudio Pereira Symanski **

RESUMO

O artigo apresenta os resultados da análise da amostra de vidros de um sítio doméstico oitocentista, o solar Lopo Gonçalves. A identificação da forma, função e período de produção de um número considerável de peças possibilitou a manipulação quantitativa da amostra, viabilizando a discussão de questões relacionadas ao intervalo manufatura-deposição desses itens e, mais amplamente, ao comportamento de consumo, hábitos alimentares e cuidados com a saúde dos grupos domésticos que ocuparam o sítio em questão.

ABSTRACT

This paper presents the outcome of glass analysis from an eighteenth-century domestic site, the Lopo Gonçalves house. The identification of form, function and chronology of a considerable number of glass artifacts allowed the quantitative manipulation of the collection. This, in turn, permitted a discussion about the manufacture-deposition lag from those items and, more amply, about the consumer behavior, health and foodways of the domestic groups that occupied this site.

* Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia (IGPA) - Universidade Católica de Goiás (UCG). Pesquisa realizada com o suporte financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), através da concessão de bolsa recém-mestre ao autor, entre setembro de 1997 e fevereiro de 1998. Apoio institucional: Museu Joaquim José Felizardo. E-mail: symanski@cultura.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo discutir questões relacionadas aos hábitos alimentares, comportamento de consumo e cuidados com o corpo dos ocupantes do Solar Lopo Gonçalves durante o século XIX, a partir da amostra de vidros exumada desse sítio histórico. A fim de melhor compreender essa amostra foi necessário realizar uma análise quantitativa, a qual visou levantar informações sobre o intervalo entre a manufatura e a deposição desses itens no registro arqueológico a partir de métodos de datação comumente empregados na análise de louças. Visando compreender o contexto de uso das diversas peças de vidro identificadas, foi feita uma pesquisa documental em fontes históricas, sobretudo primárias. Os principais documentos analisados foram os inventários post-mortem do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Para discutir os cuidados com a saúde dos ocupantes do solar foram aliados, aos vidros de remédios exumados, informações levantadas em anúncios de jornais do Rio Grande do Sul do final do século XIX e começo do XX, além de fontes secundárias sobre o assunto, principalmente Lima (1996).

Para poder analisar quantitativamente a amostra foi fundamental a identificação precisa das peças, tanto com relação à forma e função quanto aos períodos de produção, ambos indicados pelos diversos atributos nelas presentes. Foi consultada, assim, uma ampla bibliografia especializada, composta por livros e artigos principalmente de procedência norte-americana, visto que no Brasil ainda há poucos arqueólogos trabalhando com esta categoria material.

O SOLAR LOPO GONÇALVES

O Solar Lopo Gonçalves é uma casa de porão alto construída na metade do século XIX em uma área semi-rural de Porto Alegre. Seu primeiro ocupante, Lopo Gonçalves Bastos, foi um bem sucedido comerciante, que acumulou uma das maiores fortunas da Porto Alegre de sua época. Com a

sua morte, em 1872, o solar foi herdado por seu genro e sobrinho, Joaquim Gonçalves Bastos Monteiro, que também foi um comerciante de sucesso. Durante sua primeira ocupação, esta edificação atuou como sede de uma chácara na qual Lopo e sua família, que residiam em um caro sobrado no centro de Porto Alegre, provavelmente passavam os finais de semana e feriados. Com o acentuado processo de expansão urbana pelo qual passou Porto Alegre no último quartel do século XIX, esta edificação foi envolvida pela cidade, transformando-se, assim, na provável residência do segundo grupo doméstico que ocupou esse sítio.

A escavação arqueológica no quintal dessa habitação, realizada entre janeiro e abril de 1996, permitiu detectar três níveis estratigráficos: uma camada preta, húmica, superior, com uma espessura variando entre 30 e 40 cm, apresentando material referente ao século XX (camada I); uma camada castanha, intermediária, variando de espessura entre 40 e 50 cm, a qual apresentou somente material referente ao século XIX (camada II); e uma terceira camada, preta, argilosa, estéril, que é a base do depósito arqueológico. Neste trabalho foi analisada somente a amostra de vidros referente à camada do século XIX.

A ANÁLISE

A primeira etapa da análise consistiu na separação dos fragmentos por cores e, após, na identificação de atributos tecnológicos e morfológicos que permitissem determinar o período de produção de cada peça e enquadrá-la em uma das cinco categorias funcionais que foram desenvolvidas: recipientes medicinais, garrafas de bebidas, peças de mesa, vidros de alimentos e peças de toucador.

A identificação do material foi feita com base na literatura especializada, sobretudo norte-americana, visto que no Brasil apenas recentemente começaram a ser desenvolvidos trabalhos desta natureza (Souza, em preparação; Zanettini e Camargo,

1999). Esta foi a etapa principal e mais trabalhosa da análise, principalmente pelo fato da amostra se apresentar extremamente fragmentada, o que muitas vezes dificultava a identificação dos atributos indicativos das técnicas de produção utilizadas. Devido a esses problemas, optou-se por enquadrar as peças nas cinco amplas categorias funcionais acima citadas, antes do que desenvolver categorias mais específicas. O estado de fragmentação da amostra impossibilitou, ainda, o reconhecimento da forma e função de grande parte das peças, levando à criação de uma sexta categoria: a dos objetos não identificados.

A fim de discutir questões relacionadas à forma e função desse material a amostra foi quantificada por fragmentos e pelo número mínimo de peças (NMP). Para realizar a quantificação pelo NMP foi necessário considerar uma série de variáveis, visando eliminar a distorção ocasionada por peças representadas por apenas um fragmento daquelas que estão associadas a vários fragmentos. As principais variáveis utilizadas foram: coloração, forma (cilíndrica, quadrangular ou outras), e espessura dos fragmentos, considerando-se sua posição na peça (topos, gargalos, bases, bojos, etc.). Este tipo de quantificação tende a subestimar o número total de peças presentes na amostra. No caso em questão, isto provavelmente ocorreu com os fragmentos transparentes de bojo, presentes em grande quantidade, mas que não foi possível quantificar por peças pelo fato de não apresentarem características que fossem passíveis de diferenciação. Esta subestimação, no entanto, fornece dados quantitativos mais confiáveis para manipulações estatísticas do que aqueles fornecidos somente pela quantificação dos fragmentos, a qual tende a superestimar o universo em estudo, levando a falsos resultados.

APLICAÇÕES DA FÓRMULA SOUTH À AMOSTRA DE VIDROS

Para fins de datação das peças fo-

ram considerados todos os atributos nelas presentes que pudessem atuar como indicadores cronológicos, tais como: marcas de moldes, presença ou ausência de marcas de pontel, tipos de topos, inscrições, marcas de fabricantes, cores, etc.

Quando uma das peças apresentava mais de um atributo datável foi considerada a data inicial de introdução da tecnologia mais tardia e a data terminal mais recuada como o provável período de sua produção. Por exemplo, se uma garrafa apresentou evidências de ter sido produzida em um molde de duas peças (1750-1880), e a ausência de marca de pontel indicou o uso do *snap case* (1857-1913), foi assumido como período de sua produção o intervalo 1857-1880. Desta forma foram obtidos intervalos de produção mais estreitos, que possibilitaram a aplicação da *Formula South* à amostra.

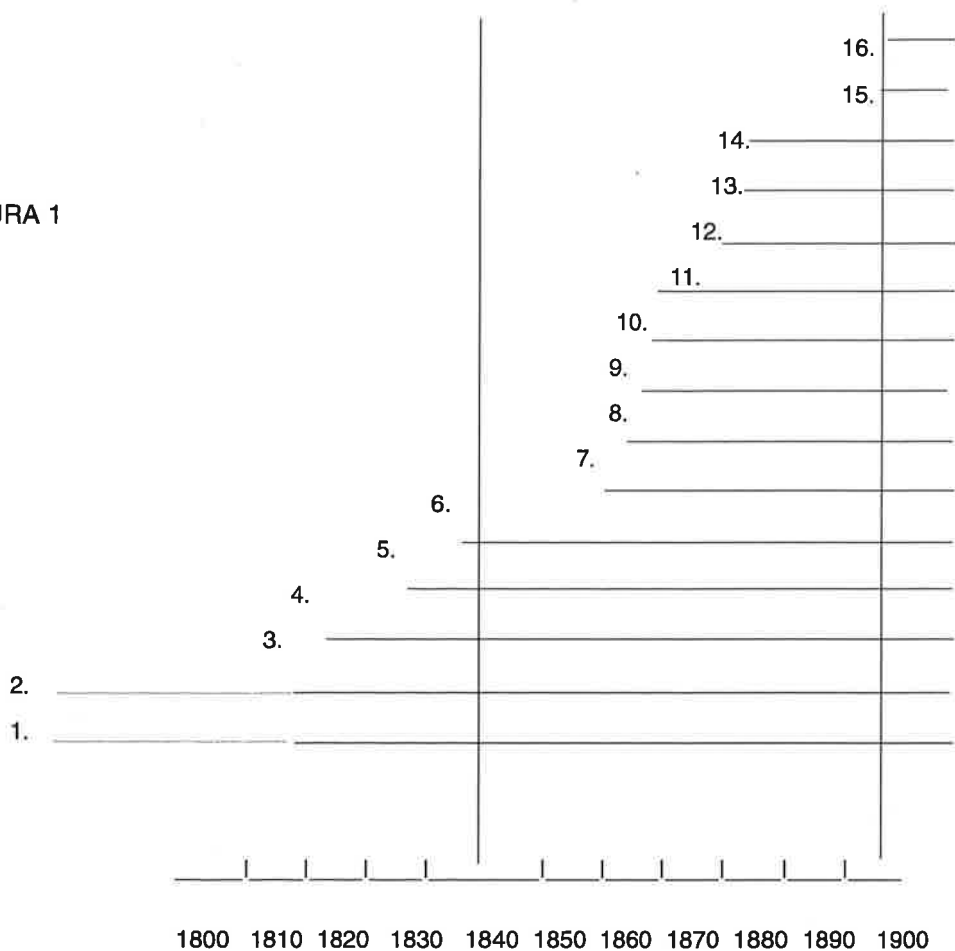
O período de produção de cada tipo datável foi representado como uma barra sobre uma linha de tempo (figura 1)¹. Este tipo de diagrama foi desenvolvido por South (1972) como um artifício para se obter uma aproximação do período de ocupação de um sítio histórico a partir das evidências materiais nele presentes. Embora tenha sido formulado para a análise de amostras de louças, tal método é passível de uso em qualquer categoria material que apresente intervalos de produção bem definidos como, neste caso, o vidro.

O intervalo de formação do registro arqueológico deve abranger o período entre o tipo que apresenta a data de produção terminal mais recuada da amostra e aquele cuja data de produção inicial é a mais recente. As linhas verticais delimitam esse intervalo.

Para o caso da amostra de vidros do Solar Lopo Gonçalves, o diagrama de barras de South apontou o período entre 1840 e 1892 como o intervalo de formação da camada arqueológica. De acordo com os dados históricos, esta edificação foi construída entre 1845 e 1855 (Giacomelli, 1992), o que demonstra uma razoável aproximação com a data inicial fornecida pelo material arque-

ológico (1840). Já o ano de 1892 (referente à data de produção inicial de garrafas com topo tipo crown cap – foto 1c) corresponde ao período de formação final da camada arqueológica, e provável início de deposição do sedimento da camada superior, referente ao século XX.

FIGURA 1



1) 1750-1880

5) 1821-1870

9) 1855-1870

13) a partir de 1870

2) 1700-1840

6) a partir de 1830

10) a partir de 1858

14) 1870-1920

3) 1810-1870

7) 1850-1870

11) a partir de 1860

15) a partir de 1890

4) 1810-1870

8) 1855-1913

12) a partir de 1867

16) a partir de 1892

¹ Infelizmente não foi possível, devido às limitações no número de páginas, inserir neste artigo o capítulo dedicado à descrição da amostra, no qual foram fornecidas informações detalhadas sobre a identificação e cronologia de todas as peças trabalhadas (ver Symanski, 1998b).

Em um trabalho anterior (Symanski, 1998a), este tipo de análise foi feito para a amostra de louças, obtendo-se como data inicial também o ano de 1840 e, como data terminal, 1887. Assim, enquanto a data inicial manteve-se a mesma em ambos os gráficos, a data terminal deslocou-se de 1887 (louças) para 1892 (vidros), aumentando o intervalo de formação da camada arqueológica em cinco anos.

Além de indicar uma data terminal mais precisa de formação da camada arqueológica, estes dados demonstram ainda que o intervalo entre a manufatura e deposição dos itens de vidro foi, em termos gerais, menor que aquele da louça. Este fato é corroborado pela presença de peças de louça na camada superior desse sítio cujas marcas de fabricantes (J & G Meakin) apresentam como data de produção inicial o ano de 1890, as quais não estão presentes na camada referente ao século XIX.

O menor intervalo entre a manufatura e deposição do vidro parece ter sido comum às categorias funcionais que atuaram como vasilhames de outros produtos, como indica a garrafa de soft drink ou cerveja que tem como data de produção inicial o ano de 1892 (foto 1a) (Jones & Sullivan, 1989:163), e as duas peças não identificadas de vidro leitoso (produzidas a partir de 1890), o qual era usado para remédios, cosméticos, alimentos e produtos de toucador (Fike, 1991:13).

Esta deposição mais rápida dos itens de vidro no solar é um dado curioso, principalmente se for levado em conta que a amostra desta categoria material é consideravelmente menor que aquela de louças. Foram quantificados 420 fragmentos de vidros, representando um número mínimo de 80 peças. Nesta quantificação não foram considerados os 77 fragmentos de vidros planos, devido à impossibilidade de quantificá-los por peças. Porém, mesmo considerando-os, o total de 497 fragmentos de vidro é sensivelmente inferior aos 1140 fragmentos de louça recuperados da mesma camada, os

quais representam um número mínimo de 301 peças.

Uma possível explicação para este menor intervalo entre a manufatura e a deposição das peças de vidro pode ser buscada na funcionalidade desses itens. A grande maioria das peças que apresentam essa composição material exerceram a função de vasilhames de outros produtos, como bebidas, perfumes, remédios e alimentos. Assim, o consumidor que comprou um vidro de remédio estava interessado no seu conteúdo, e não no recipiente. As peças de louça, por outro lado, foram compradas, na grande maioria das vezes, pelo produto em si.

Os recipientes de vidro podiam ser reutilizados para vários propósitos, o que, se por um lado, aumentava o intervalo entre a sua manufatura e deposição, por outro diminuía a necessidade de comprar novos vasilhames, fator que justifica a menor incidência dessas peças no registro arqueológico em relação às louças.

No caso do solar, mesmo considerando os processos de reutilização desses itens, as evidências indicam que eles foram mais rapidamente depositados no registro arqueológico do que as louças, sendo que sua menor frequência demonstra que havia necessidade de um menor número dessas peças do que daquelas de louça. Deve ser realçado, contudo, que tais proposições são válidas somente para as peças que atuaram como vasilhames. Os itens de vidro destinados a preparar, servir, consumir e estocar alimentos provavelmente tiveram uma vida útil equivalente aos daqueles de louça que serviram aos mesmos propósitos.

A próxima etapa da análise consistiu na aplicação da Fórmula para a Datação Média de Louças, proposta por South (1972), à amostra de vidros. Esta fórmula tem por objetivo fornecer uma datação média para a amostra e, por extensão, para o período de ocupação do sítio, a partir da frequência das peças que apresentam intervalos de produção passíveis de serem identificados. A data

média para cada peça de vidro foi estabelecida calculando a média entre a sua data inicial e sua data terminal de produção. O total de peças de cada tipo foi multiplicado por sua respectiva data média. O resultado assim obtido foi somado ao dos demais tipos que foram trabalhados. Este produto foi, por fim, dividido pelo total das peças consideradas para o cálculo, obtendo-se, desta forma, a datação média da amostra de vidros.

No caso dos vidros foram trabalhadas todas as peças com períodos de produção específicos que puderam ser levantados a partir dos atributos nelas presentes. A única adaptação feita foi considerar o ano de 1892 como a data terminal mais tardia para todos os itens cuja produção adentrou o século XX. Este artifício foi proposto por Sarah Hill (1982), como um modo de sanar possíveis desvios ocasionados por intervalos de produção muito amplos, abrangendo períodos posteriores à ocupação do sítio. Esta autora, no entanto, considerou como data de fechamento aquela referente ao término documentado de abandono do sítio. Neste trabalho optou-se por utilizar a data inicial da peça mais tardia da amostra pelo fato do sítio ter apresentado duas camadas de ocupação nitidamente diferenciadas, a inferior referente ao século XIX e a superior ao século XX, o que permitiu manter um apurado controle estratigráfico durante a escavação. Assim, todas as evidências indicaram que o material da camada inferior, o qual é objeto desta análise, foi depositado antes do século XX.

Foram utilizados, nesse cálculo, somente os fragmentos que representavam peças. O número total de fragmentos datáveis foi desprezado a fim de evitar distorções referentes a grandes quantidades de fragmentos que compunham uma peça contrapostos aquelas peças formadas por apenas um ou poucos fragmentos. Abaixo segue a relação do período de produção e respectivo número de peças utilizados nesta análise:

Per. de Prod.	Data Méd.	Nº de Peças	Prod.
1857-1892	1874.5	02	3749
1857-1870	1863.5	01	1863.5
1870-1892	1881	04	7524
1810-1870	1840	03	5520
1850-1870	1860	01	1860
1867-1892	1879.5	04	7518
1850-1892	1871	05	9355
1830-1892	1861	03	5583
1821-1870	1845.5	02	3691
1858-1892	1875	02	3750
1860-1892	1876	03	5628
1892	1892	01	1892
1890-1892	1891	02	3782

Total = 61715.5 Data Média da Amostra:
 $61715.5 \div 33 = 1870.16$

A aplicação da Fórmula South forneceu, portanto, como data média para a acumulação da amostra de vidros o ano de 1870. Embora existam diversas críticas a esse método quantitativo (ver Symanski, 1996), ele tem se mostrado eficiente para determinar o período de maior intensidade ocupacional de sítios históricos. A aplicação do mesmo método à amostra de louças do Solar Lopo Gonçalves forneceu como resultado o ano de 1865 (Symanski, 1998a). A diferença de apenas cinco anos entre as duas datas, com cálculos baseados em duas diferentes categorias materiais, demonstra a eficácia deste método quantitativo ao mesmo tempo que comprova o menor intervalo entre a manufatura e deposição dos itens de vidro em relação àqueles de louça. Como já referido em trabalho anterior (Symanski, 1998a), o período entre 1860 e 1870 representou o estágio de desenvolvimento máximo do ciclo de vida familiar da primeira ocupação do solar, época em que a família de Lopo Gonçalves Bastos apresentou o maior número de integrantes.

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CORES

A classificação dos artefatos de vidro pela cor é de pouco valor para fins analíticos devido a uma série de fatores, tais como: a não existência de uma relação direta entre cores e tipos de vidros; ela não estar relacionada à tecnologia de produção; ser somente fracamente relacionada à função do objeto; poder ser influenciada pelo calor do forno e o número de vezes que o vidro é reaquecido e raramente poder atuar como indicador cronológico (Baugher-Perlin, op. cit.:261; Fike, op. cit.:13; Jones e Sullivan, op. cit.:12).

No entanto, tendo em vista que uma das etapas principais para a reconstituição das peças e a determinação de seu número mínimo foi a separação dos fragmentos por cores, serão aqui expostos os dados sobre sua frequência na amostra e as poucas informações que foram extraídas da análise deste atributo.

Há 10 variedades de cores na amostra. A frequência das peças referentes a cada cor está representada na tabela 1:

Tabela 1: **Frequência de peças por cores**

Cores	Número de Peças	%
Incolor	40	50
Verde-água	16	20
Verde	05	6.25
Verde claro	05	6.25
Verde escuro	04	5
Âmbar	03	3.75
Azul-cobalto	03	3.75
Branco-leite	02	2.5
Água-marinha	01	1.25
Amarelo claro	01	1.25

Pode-se observar que o vidro incolor foi o de maior incidência, representando 50% da amostra, sendo seguido pelo verde-água (20%). As demais cores ocorreram em baixas proporções. A maior frequência dos vidros incolores na amostra deve-se provavelmente ao fato de que eles foram mais inten-

samente produzidos na segunda metade do século XIX, em função do desenvolvimento da indústria de preservação de alimentos, quando tornaram-se necessários para embalar produtos que pudessem ser vistos pelos consumidores (Baugher-Perlin, op. cit.:261). Fike (op. cit.:13) nota que os vidros dessa coloração tiveram uma aplicação geral principalmente depois de 1875.

A significativa incidência dos vidros verde-água, por sua vez, deve-se ao fato de que os ingredientes de uso padrão, na produção de vidro, quando não incluídos agentes descolorantes ou corantes, resultam em peças com essa coloração ou verde claras (ibidem). A presença de óxidos metálicos na fornada é a principal variável a atuar sobre a coloração do vidro. Assim, além dos tons em verde, também o amarelo, o âmbar e o preto devem-se à maior ou menor presença de impurezas de ferro na fornada (Jones & Sullivan, op. cit.:13).

Observa-se, portanto, que com exceção dos vidros incolores, azul cobalto, leite e água-marinha, todos as demais peças da amostra devem sua coloração a impurezas, antes do que a corantes ou outros elementos químicos.

Os corantes estão presentes, por conseguinte, nos vidros azuis cobalto, nos quais era utilizado o cobalto para a obtenção da cor azul (Jones & Sullivan, op. cit.:14); e nos vidros branco-leite, produzidos com óxidos de estanho (ibidem). Os vidros de ambas as colorações foram, segundo Fike (op. cit.:13), utilizados principalmente após 1890, embora Jones e Sullivan (op. cit.:14) observem que suas datas de produção remontem, respectivamente, ao final do século XVIII e início do século XVI. Desta forma, é arriscado assumir que os vidros azuis cobalto da amostra sejam posteriores a 1890. Já com os vidros branco-leite é muito grande a probabilidade de que tenham esta data de produção inicial, posto que, como notam Jones e Sullivan (ibidem), eles se tornaram populares no final do século XIX. Assim, a baixa incidência dos vidros branco-leite na amostra pode se dever ao fato de que eles foram

utilizados e descartados no período final de formação da camada arqueológica.

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS FORMAS E FUNÇÕES DAS PEÇAS:

Como já referido, as peças de vidro foram divididas em cinco amplas categorias funcionais, a fim de se obter informações sobre os hábitos alimentares, os cuidados com a saúde e o comportamento de consumo dos ocupantes do Solar Lopo Gonçalves. Para fazer inferências relacionadas ao comportamento de consumo dos grupos domésticos que ocuparam esse sítio, com base nesse material, foram considerados os processos de reutilização desses itens e o valor daqueles enquadrados na categoria peças de mesa. Para tanto foram levantadas fontes documentais que forneceram informações sobre valores e contexto de uso dessas peças - os inventários post-mortem do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Já para discutir os cuidados com a saúde dos ocupantes desse sítio foram utilizadas, como fontes auxiliares, anúncios de jornais do século XIX e pesquisas publicadas, sobretudo Lima (1996).

A frequência das peças referentes à cada categoria analisada está representada na tabela 2:

Tabela 1: **Frequência de peças por categorias funcionais**

Cat. funcional	Nº de peças	%
Medicinais	18	22.5
Gar.de bebidas	17	1.25
Rec. de alimentos	03	3.75
Peças de mesa	14	17.5
Peças de toucador	01	1.25

Observa-se que, dentre as peças identificadas, os recipientes medicinais (fotos 1a e b) foram os mais numerosos, seguidos pelas garrafas de bebida (fotos 1c, d e e) e peças de mesa (foto 1f). Os recipientes de alimentos (foto 1g) e peças de toucador apresentaram-se em baixas proporções.

A maior incidência dos recipientes medicinais indica não apenas que houve uma grande preocupação com os cuidados com a saúde pelos grupos domésticos que ocuparam o solar, fato que será discutido em maiores detalhes à frente, mas também que sua velocidade de deposição no registro arqueológico foi mais rápida do que aquela das demais categorias analisadas. Como nota Hill (op.cit.:296), os produtos usados mais frequentemente têm uma média de esgotamento rápida e, assim, suas garrafas devem expressar um espaço entre a manufatura e deposição mais curto do que aqueles de produtos consumidos com menos frequência. Embora esta proposição tenha validade, deve ser lembrado que muitas variáveis irão influenciar o intervalo entre a manufatura e deposição dos recipientes de vidro, sendo que os que mais interessam neste trabalho são os processos de ciclagem lateral² e reciclagem³. No caso dos recipientes medicinais, Bush (1987:69) observa que nos Estados Unidos, ainda no século XX, era comum os consumidores retornarem seus recipientes para as farmácias, a fim de serem novamente preenchidos ou devolvido o valor a eles referente. Porém, este processo de retorno do recipiente ao fabricante ou comerciante parece ter sido mais comum para garrafas de bebida, como será visto adiante, do que para aquelas de remédios. Assim, é bastante provável que a maior incidência dos vidros medicinais na amostra

² Ciclagem lateral pode ser definida como um processo de reutilização na qual ocorre apenas uma mudança de usuário e/ou unidade social, mantendo o artefato a sua forma e função original (Schiffer, 1987:28).

³ A reciclagem consiste no "...retorno de um artefato depois de algum período de uso a um processo de manufatura" (Schiffer, op.cit.:29). Segundo Schiffer (ibidem), a adição de novos conteúdos a recipientes já usados também pode ser considerado um processo de reciclagem, embora esta forma de reutilização não esteja em acordo com o conceito pelo fato de não levar a alterações na dimensão formal dos objetos. A questão da reciclagem de itens de vidro que passaram por um novo processo de manufatura já foi discutida em trabalho anterior (Symanski e Osório, 1996).

deva-se ao fato de se tratarem de recipientes de produtos que foram consumidos com frequência e, devido às suas pequenas dimensões, reutilizados com menor intensidade do que as garrafas de bebida, ou simplesmente descartados quando seu conteúdo acabava.

As garrafas de bebida da amostra, por outro lado, provavelmente passaram pelo processo de ciclagem lateral e, talvez em menor intensidade, o de reciclagem. As pesquisas nos inventários post-mortem demonstraram que essas peças, mesmo usadas, tinham valor comercial. Em 1830, de acordo com o inventário do comerciante Antonio José de Oliveira Guimarães⁴, uma garrafa vazia era avaliada em \$080 (oitenta réis). A grande quantidade de bebidas alcoólicas listadas neste documento (9 caixas de vinho moscatel, 4 pipas de vinho de rama, 5 barris de água-ardente do Reino e 80 dúzias de botijas de genebra) indica que as 300 garrafas vazias arroladas eram utilizadas como recipientes das bebidas presentes nas pipas e barris. É bastante provável que o valor das garrafas fosse acrescentado à bebida, sendo devolvido caso o recipiente retornasse. De fato, diversos inventários apresentaram, na seção dedicada à listagem dos itens domésticos, garrafas vazias, como é o caso daquele de George Taylor⁵ (1852), comerciante de tecidos, no qual estão arroladas, entre seus itens domésticos, “uma porção de garrafas” por 1\$500 (mil e quinhentos réis). Este valor comercial das garrafas de bebidas se manteve em Porto Alegre ao longo do século XIX, conforme constatado no inventário do taverneiro Guilherme Ruhmann⁶ (1875). Neste documento, na seção de dívidas passivas, estão listadas 300 garrafas vazias que o taverneiro devia à Fábrica de Cerveja

Frederico Christoffel⁷, avaliadas a \$080 (oitenta réis) a unidade, valor que indica que os cascos de bebida mantiveram uma preço estável durante boa parte do século XIX. O valor atribuído à unidade da garrafa de bebida vazia era suficientemente considerável para os consumidores não as descartarem após o término de seu conteúdo, visto que esta quantia era quase que suficiente para comprar um prato novo de faiança fina branco ou com as bordas decoradas em azul, avaliados em 1877, de acordo com o inventário do proprietário de uma loja de louças⁸, em 83 réis a unidade.

Este processo de reutilização das garrafas de bebida foi, provavelmente, uma das principais variáveis a atuar sobre a frequência de descarte dessas peças no registro arqueológico. É bastante provável, portanto, que as garrafas de bebida do Solar Lopo Gonçalves também fossem reutilizadas, fator que pode ter ampliado longamente sua vida útil, somente vindo a ser descartadas em caso de quebra acidental. De fato, não foi evidenciada nenhuma garrafa de bebida neste sítio que estivesse inteira. Assim, a menor incidência dessas peças em relação aos recipientes medicinais pode dever-se mais aos processos de reutilização pelo qual elas passaram, do que a um menor consumo de bebidas alcoólicas. Além da ciclagem lateral, alguns fragmentos de vidro da amostra também foram reciclados, na definição original do termo, sendo utilizadas como suportes em um novo processo de manufatura, como já discutido em trabalho anterior (Symanski e Osório, 1996). Porém, a reciclagem, também definida como a adição de novos conteúdos a vasilhames já usados, pode ter sido outra variável a aumentar o tem-

⁴ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Segundo Cartório de Órfãos, ano:1830, N.1013, M.43, E.31 E/C.

⁵ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Segundo Cartório de Órfãos, ano:1852, N.44, M.4, E.31 E/C.

⁶ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Segundo Cartório de Órfãos, ano:1875, N.495, M.31, E.31 E/C.

⁷ Esta cervejaria foi uma das primeiras do Rio Grande do Sul, já estando em funcionamento em 1873 (Grave e Perez, s.d.).

⁸ Inventário de Guilherme Homann, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Segundo Cartório de Órfãos, ano: 1877, N.542, M.33, E.31 E/C.

po de vida dessas peças. Bush (1987:71) nota que nos Estados Unidos foi comum o uso de garrafas de soda e cerveja como recipientes de uso doméstico que serviam para armazenar produtos caseiros como ketchup. Este processo de reciclagem, porém, é de difícil identificação no registro arqueológico, pelo fato de não levar a alterações na dimensão formal dos artefatos, razão pela qual ele não foi considerado nesta análise.

Infelizmente, o estado de fragmentação da amostra de garrafas de bebidas não permitiu a identificação de grande parte dessas peças em relação ao conteúdo que embalavam. Foram identificadas somente três garrafas de vinho ou champanhe (fotos 1d e e), uma garrafa de genebra e uma de bebida carbonatada – soft drink ou cerveja (foto 1c). É lógico que todos esses tipos estão sub-representados, devendo-se esperar que grande parte das garrafas cilíndricas continham tais bebidas, dentre outras não passíveis de identificação. É provável, também, que as três garrafas quadrangulares presentes na amostra sejam de genebra, pois esta forma foi utilizada principalmente para acondicionar essa bebida (Schávelzon, 1991:128), embora outros destilados, como o rum, também fossem comercializados nesse tipo de garrafa (Marco André T. Souza, com. pes.). Pelo que os dados indicam, a genebra foi muito mais popular na Porto Alegre oitocentista do que atualmente, conforme indicam as “80 dúzias de botijas de genebra” listadas no inventário do comerciante Antônio José de Oliveira Guimarães (1830), vendidas a 600 réis a unidade. As botijas citadas nesse documento eram feitas de grés⁹, visto que somente na segunda metade do século XIX esse destilado passou a ser embalado também em recipientes de vidro (ibidem). Pelo que as evidências arqueológicas indicam, a genebra continuou popular em Porto Alegre até

o final do século XIX.

Para explicar a menor frequência das peças de mesa (copos e taças) em relação às duas categorias acima citadas basta considerar o fato de que esses objetos representam o produto em si, e não vasilhames de outros produtos, o que, com certeza, levou a um maior cuidado no seu manuseio. Copos e taças estão arrolados entre os itens domésticos de diversos inventários a preços variados. Nos inventários referentes a indivíduos de muitas posses observa-se que houve uma diversidade de tipos dessas peças, as quais eram especificadas funcionalmente para o consumo de bebidas determinadas. No inventário do Visconde de São Leopoldo¹⁰ (1848), por exemplo, estão arrolados “12 cálices lapidados para vinho, 16 cálices lapidados para licor, 3 copos lapidados para água e 3 copos de vidro”. Já no inventário do Barão de Gravatahy¹¹ (1853) foram arrolados “30 copos de vidro para champanhe, 18 copos de vidro para cerveja, 12 copos de vidro para água, 9 copos de vidro para (ilegível), 12 copos de vidro (ilegível) pequenos e 44 cálices para vinho”. Essas peças de consumir bebidas, de vidro ou cristal, foram, no geral, mais caras do que muitas das peças de mesa de faiança fina e porcelana, utilizadas para servir e consumir alimentos. Os copos mais simples listados no inventário do Visconde de São Leopoldo, de vidro, foram avaliados em 333 réis a unidade, mesmo valor atribuído a cada uma das “24 xícaras e pires de porcelana dourada” listadas nesse documento. No mesmo inventário, os pratos de faiança fina estampados foram avaliados em 47 réis a unidade. Deve ser lembrado que tais avaliações são de objetos usados e, portanto, inferiores àquelas das lojas que comercializavam esses itens. No caso do inventário do Barão de Gravatahy, tanto os copos de vidro para champanhe, cerveja ou

⁹ Tipo de cerâmica altamente vitrificada cuja data inicial de produção é ainda desconhecida, provavelmente por volta do século XVI na Inglaterra e norte da Europa (Schávelzon, op. cit.:57). Em 1800 já eram exportados para o mundo todo como recipientes de cerveja e outros produtos tipicamente europeus (ibidem).

¹⁰ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Primeiro Cartório de Órfãos e Ausentes, ano:1848, N.1633, M.80, E. 31E/C.

¹¹ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Segundo Cartório de Órfãos, N.63, M.5, E.31E/C.

água foram avaliados pelo mesmo preço: 500 réis a unidade, valor igual ao dos copos de cerveja citados no inventário do Visconde de Castro¹² (1853) e dos “copos de vidro para água” arrolados no inventário de Henrique Manuel da Silva¹³ (1864).

As taças, por sua vez, apresentaram, no geral, preços inferiores aos dos copos. No inventário do Visconde de São Leopoldo os “cálices lapidados para vinho” foram avaliados em 250 réis a unidade, e os para licor na metade dessa quantia. Na maioria dos documentos pesquisados os cálices destinados a diversos tipos de bebida como vinho, licor, champanhe e conhaque estão inseridos entre os dois valores acima citados, não ultrapassando os 333 réis dos cálices para vinho arrolados no inventário de Antonio Francisco de Paula¹⁴ (1888).

Havia, portanto, uma grande diversidade de formas de peças destinadas ao consumo de bebidas. A essas peças de consumir deve-se, ainda, acrescentar aquelas destinadas a servir, cujo exemplo extremo são as garrafas de cristal de altíssimo valor da loja de Guilherme Homann, avaliadas a 18\$500 (dezoito mil e quinhentos réis). Já as garrafas de vidro eram disponíveis neste estabelecimento pelo preço de 1500 réis. Essas garrafas de servir, que não devem ser confundidas com os cascos de bebidas, foram comuns nas residências porto-alegrenses oitocentistas das famílias mais abastadas e avaliadas a preços variados, provavelmente relacionados não só à composição material, mas também à elaboração dos motivos decorativos nelas presentes. Nos arrolamentos de itens domésticos dos inventários pesquisados, tais peças variam de preço entre 500 réis (inventário de Maria Paradede e marido¹⁵ – 1867) e 2500 réis, referentes às garrafas de cristal listadas no inventário de Antonio Francisco de Paula (1888), valor não

muito inferior aos das “garrafas de vidro para vinho” citadas no inventário do Bispo Feliciano José Rodrigues Prates¹⁶ (1858), avaliadas em 2000 réis a unidade.

A extrema especificidade funcional desses objetos, e o alto valor a eles atribuídos, indica que, além da sua função utilitária, eles também estavam imbuídos de significados na arena social. Utilizados não só durante as refeições informais de cunho íntimo, mas também em momentos de sociabilidade, do qual participavam pessoas não pertencentes ao grupo doméstico, esses itens, quanto mais específicas as funções a que se destinavam, melhor indicavam não somente o status sócio-econômico de seus proprietários – sua inserção em uma classe que tinha condições de consumir toda a sorte de supérfluos – mas também a organização e hierarquia que reinava dentro do ambiente doméstico, onde cada objeto tinha uma função rigidamente definida, a qual comunicava regras e padrões de comportamento que eram compreendidos somente pelos indivíduos que sabiam decodificar essas mensagens. Os itens de vidro atuaram, assim, como elementos ativos nas estratégias de reprodução social dessa classe. É possível que a diversidade das peças encontradas no Solar Lopo Gonçalves represente as especificidades funcionais acima citadas, porém, o fato da amostra ser muito reduzida e se encontrar extremamente fragmentada dificulta qualquer análise mais aprofundada.

A baixíssima frequência de vidros de alimentos na amostra (3.75% - foto 1g) pode dever-se ao fato de 33.75% das peças não terem sido identificadas, o que pode ter levado a uma sub-representação dessa categoria durante a análise. Se, por outro lado, tais dados estiverem corretos, eles demonstram que os grupos domésticos que ocuparam o solar não tiveram o hábito de consumir ali-

¹² Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Primeiro Cartório de Órfãos, N.1726, M.83, E.31E/C.

¹³ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Segundo Cartório de Órfãos, N.296, M.18, E.31E/C.

¹⁴ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Segundo Cartório de Órfãos, N.704, M.44, E.31E/C.

¹⁵ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Segundo Cartório de Órfãos, N.344, M.21, E.31E/C.

¹⁶ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Segundo Cartório de Órfãos, N.196, M.12, E.31E/C.

mentos industrializados, preferindo os produtos da região, como aqueles que podiam ser extraídos do próprio sítio. De fato, a altíssima incidência de ossos exumados do registro arqueológico, sobretudo de bovídeos, demonstra que houve um grande consumo de carne nesse sítio.

Assim como os vidros de alimentos, a presença de uma única peça de toucador pode estar relacionada a uma sub-representação dessa categoria, em função do grande número de fragmentos não identificados. A peça em questão apresenta a seguinte inscrição: “Oriza – L. Legrand”. Trata-se de um frasco de perfume francês do perfumista Oriza, referente às últimas décadas do século XIX (Marcos André T. Souza, com. pes.). Este item está, portanto, associado à segunda ocupação desse sítio e demonstra, assim como as louças de melhor qualidade referentes a esse período, a maior preocupação de seus ocupantes com o consumo de itens caros e supérfluos, que indicavam o seu alto status sócio-econômico, os quais não foram detectados na amostra referente à ocupação inicial do solar (ver Symanski, 1998 a).

REMÉDIOS, PANACÉIAS E TEORIA DOS HUMORES

O século XIX, como nota Lima (1996:67), foi o século das panacéias. O pico do consumo dos remédios fraudulentos, nos Estados Unidos, ocorreu entre 1850 e 1900, época em que não havia nenhum controle sobre a venda de medicamentos, de modo que qualquer coisa podia ser engarrafada, anunciada e vendida (Fike, op. cit.:03). A exemplo dos Estados Unidos, no Brasil também foi amplo o consumo de tais remédios, em forma de “...pílulas (depurativas, sudoríficas, purgativas, etc.), elixires (estomacais, digestivos, etc.), xaropes (peitorais, balsâmicos), linimentos, sais, cataplasmas, óleos, emplastros, tônicos, unguentos, bálsamos, salssaparrilhas, essências depurati-

vas, pomadas, emulsões, compostos, águas medicinais, entre outros...” (Lima, op. cit.:67). Tais medicamentos prometiam resultados miraculosos, sendo compostos, a maioria, conforme Fike (op. cit.:03), apenas de álcool, açúcar e água. Alguns continham inclusive narcóticos, como o ópio, devido às suas características anestésicas (ibidem).

Dentre os remédios miraculosos que anunciavam a cura de dezenas de moléstias, Fike cita uma droga que prometia combater tanto a diarreia quanto a prisão de ventre (op. cit.:03). Lima (op. cit.:67), por sua vez, se refere a um exemplar recuperado arqueologicamente no Rio de Janeiro que apresentou a seguinte inscrição: “Pink pills for pale people” (pílulas rosadas para pessoas pálidas), o qual prometia “...faces coradas e ares saudáveis a seus consumidores”.

A pesquisa em jornais de Porto Alegre do final do século XIX permitiu levantar diversos anúncios de tais panacéias, demonstrando que, a exemplo do Rio de Janeiro, elas também tiveram um amplo consumo no Rio Grande do Sul. Dentre os anúncios levantados chama a atenção o das “Gotas salvadoras das parturientes do Dr. Van der Laan”¹⁷, as quais, se consumidas no último mês da gravidez, preparariam o útero para um parto “rápido e feliz”. Outros remédios prometiam a cura de uma série de males, como é o caso das “águas de pedras salgadas de Portugal”¹⁸, utilizadas nas “moléstias do estômago, intestinos, fígado, rins e bexiga” bem como no tratamento de “diabetes, gota, anemias e padecimentos da pele”. Asma e catarro, assim como “opressões, tosse, defluxos e nevralgias” eram combatidos com o consumo dos cigarros e pó “Espic”¹⁹.

Embora os produtos citados acima não tenham sido identificados na amostra do Solar Lopo Gonçalves, a alta incidência de recipientes medicinais indica que os grupos domésticos que o ocuparam consumiram com frequência tais panacéias. A presença,

¹⁷ Jornal *O Paladino*, Porto Alegre, 15 de setembro de 1912, pag.14.

¹⁸ Jornal *Correio Mercantil* n.11, Pelotas, 13 de janeiro de 1893, pag.8.

¹⁹ ibidem.

na amostra, de uma garrafa de óleo de fígado (Lanman & Kemp, New York - foto 1a), por exemplo, demonstra a preocupação dos ocupantes do solar em combater moléstias tais como a anemia, clorose, afecções do peito, bronquite, catarros e tísica, conforme afirmava um anúncio do “Óleo de fígado de bacalhau do D’Ducoux”²⁰.

Por outro lado, a significativa frequência de garrafas azul-cobalto de óleo de ricino (03 peças – foto 1b), produto que era amplamente utilizado como laxante, assim como de pílulas laxantes norte-americanas (um frasco de Ayer’s pills), não indica necessariamente que os ocupantes do solar tiveram problemas crônicos de prisão de ventre. Para poder entender essas evidências é necessário considerar as práticas de cuidados com o corpo que estavam em voga no Brasil oitocentista, as quais foram minuciosamente pesquisadas por Lima (op. cit.). Esta autora, verificando a grande quantidade de frascos de substâncias laxantes, clisteres e recipientes para o recolhimento de matérias fecais e urina (urinóis), em sítios oitocentistas do Rio de Janeiro, constatou um comportamento obsessivo em relação à evacuação intestinal, o qual foi explicado em função da antiga teoria humoral de Hipócrates, a qual se manteve, por quase dois mil anos, “...arraigada nas mentalidades, não obstante os progressivos avanços e conquistas científicas de então” (Lima, op. cit.:48).

A medicina hipocrática se preocupava com o combate aos sintomas antes que as causas das doenças, considerando que as enfermidades eram ocasionadas por estados de desequilíbrio do organismo, o qual devia ser reequilibrado a partir do poder curativo da natureza (physis) (Lima, op. cit.:49). A physis, para Empédocles, realizava-se nos quatro elementos, água, ar, terra e fogo, aos quais foram associadas, por Hipócrates, quatro qualidades: quente, frio, húmido e seco. Conforme observa Lima (ibidem):

A esses quatro elementos primários foram vinculados os ‘humores’, que resulta-

vam da mistura, em quatro proporções diversas, dos elementos primários de Empédocles. Definidos como elementos secundários do corpo e caracterizados por sua fluidez, miscibilidade e condição de suporte das quatro qualidades naturais, os humores básicos eram também em número de quatro: sangue, pituíta (ou fleuma ou catarro), bile amarela e bile negra (ou atrabile ou melancolia).

As enfermidades eram ocasionadas, assim, pelo desequilíbrio entre os quatro humores, que geravam os excessos de sangue, catarro, bile, matérias fecais, urina e suor, os quais deviam ser descarregados através de diarreias, vômitos, sudoreses, hemorragias etc., para restabelecer a saúde do organismo (Lima, op. cit.:49-50).

O amplo consumo de laxantes evidenciado no Solar Lopo Gonçalves demonstra, assim, que os hábitos de higiene e cuidados com o corpo dos ocupantes desse sítio estavam fundamentados na teoria hipocrática dos humores, a qual, pelo que os dados indicam, se manteve tão presente no Rio Grande do Sul oitocentista quanto no Rio de Janeiro. O investimento que os ocupantes do solar fizeram em urinóis, presentes na amostra em número de sete, os quais apresentam uma diversidade significativa de tamanhos e padrões decorativos, reforça essa hipótese.

Além dos laxantes e urinóis, outras evidências apontam para a crença na medicina hipocrática pelas famílias que ocuparam o solar: os itens materiais destinados à excreção dos humores pelos orifícios superiores do corpo. Na amostra analisada estão presentes duas escarradeiras. Esses objetos, conforme verificado em diversos inventários, foram de uso comum nas residências porto-alegrenses oitocentistas. Presentes na maioria dos casos na sala de visitas, freqüentemente aos pares, essas peças, muitas vezes de porcelana, ladeavam os sofás de palhinha. Como observa Lima (op. cit.:68), esses objetos “...atestam a extrema importância que as sociedades que os pro-

²⁰ ibidem.

duziram ou adotaram no século passado atribuíam ao ato de cuspir, de escarrar, de expelir o que consideravam nocivo ao organismo. Para que esta prática fosse exercida sem qualquer constrangimento, transformaram-na em um ato não apenas tolerado, mas sobretudo elegante, criando para esta finalidade requintados recipientes destinados a receber os fluídos viscosos”.

Infelizmente, o estado de fragmentação da amostra de recipientes medicinais não permite a obtenção de maiores informações sobre os cuidados com a saúde dos ocupantes do Solar Lopo Gonçalves. Apesar dessa limitação, o material analisado demonstrou aspectos das práticas de cuidados com o corpo dos ocupantes desse sítio, tais como a crença nos princípios da medicina hipocrática e o consumo de panacéias, que parecem ter sido comuns na Porto Alegre oitocentista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da amostra de vidros do Solar Lopo Gonçalves, aliada aos dados fornecidos pela pesquisa documental em fontes primárias e secundárias, forneceu informações inéditas sobre determinados aspectos do comportamento dos grupos domésticos que ocuparam esse sítio, principalmente aqueles relacionadas aos cuidados com o corpo, hábitos alimentares e status sócio-econômico. Tais informações complementam o quadro do ambiente doméstico desse sítio histórico conforme esboçado pela análise das louças, revelando facetas do cotidiano de seus ocupantes – o consumo de bebidas alcoólicas e panacéias, bem como a crença na medicina hipocrática – as quais não seriam acessíveis a partir da análise de outras categorias materiais. Deve ser considerado que esta amostra, apesar de bastante fragmentada, é até o momento a mais quantitativamente significativa recuperada de um sítio doméstico oitocentista porto-alegrense, de modo que os seus dados podem servir de base para futuras comparações com amostras de outros sítios. Tais comparações, visando a de-

terminação de padrões de artefatos arqueológicos, poderão não apenas confirmar as interpretações aqui realizadas, mas demonstrar que o comportamento dos ocupantes do solar, conforme expresso pelas evidências materiais exumadas desse sítio, estava inserido em um padrão mais amplo, relacionado a determinados segmentos sociais da Porto Alegre oitocentista.

AGRADECIMENTOS

Ao Arno Alvarez Kern, por sua boa vontade em atuar como orientador desta pesquisa junto à FAPERGS; à Tania Andrade Lima, pelas críticas que levaram a uma maior reflexão em cima de vários tópicos discutidos; ao Marcos André Torres de Souza, pelos comentários à versão inicial deste texto e por ter fornecido fontes bibliográficas essenciais para este trabalho, inclusive seu catálogo que está em preparação; à Fernanda Bordin Tocchetto, pelo apoio e incentivo constantes; à Patrícia Rodolpho, pelas fotografias do material; À FAPERGS, pela concessão da bolsa de recém-mestre que permitiu a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUGHER-PERLIN, S., 1982. Analysing glass bottles for chronology, function, and trade networks. In: DICKENS, Jr. & ROY, S. (eds.), *Archaeology of urban America. The search for patterns and process*. New York, Academic Press, pp.259-290.
- BUSH, A., 1987. Second time around: a look at bottle reuse. *Historical Archaeology*, vol. 21, n.1:67-80.
- FIKE, R.E., 1991. *The bottle book*. Salt Lake City, Peregrine Smith Books.
- GIACOMELLI, S., 1992. Solar Lopo Gonçalves - de propriedade rural a Museu de Porto Alegre. *Cadernos do Museu 2*, Porto Alegre, Secretaria Municipal da Cultura.
- GRAVE, O.K. e PEREZ, J.T. (orgs.), s.d. *Porto Alegre - Biografia de uma cidade*. Porto Alegre, Editora Tipográfica do

- Centro.
- HILL, S., 1982. An Examination of Manufacture-Deposition Lag for Glass Bottles from Late Historic Sites. In Dikens, Jr. & Roy, S. (eds.). *The Archaeology of Urban America: The Search for Pattern and Process*. New York, Academic Press, pp 291-327.
- JONES, O. 1971. Glass bottle push-ups and pontil marks. *Historical Archaeology*, 5:63-73.
1981. Essence of peppermint, a history of the medicine and its bottle. *Historical Archaeology*, 15 (2):1-57.
- JONES, O. & SULLIVAN, C., 1989. *Glass glossary*. Quebec, Canadian Parks Service.
- LIMA, T.A., 1996. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, 2 (3), pp.46-98.
- LORRAIN, D., 1968. An archaeologist's guide to nineteenth century american glass. *Historical Archaeology*, 2:35-45.
- NEWMAN, T., 1970. A dating key for post-eighteenth century bottles. *Historical Archaeology*, 5:70-75.
- ORSER JR., C. & BABSON, D.W., 1990. Tabasco brand pepper sauce bottles from Avery Island, Louisiana. *Historical Archaeology*, 24 (3):107-114.
- SCHÁVELZON, D., 1991. *Arqueologia histórica de Buenos Aires*. Buenos Aires, Ediciones Corregidor.
- SCHIFFER, M. B., 1987. *Formation processes of archaeological record*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- SOUTH, S., 1972. Evolution and horizon as revealed in ceramic analysis in historical archaeology. *The conference on historical site archaeology papers*. Columbia, University South Carolina, 6:71-116.
- SOUZA, M.A.T., em preparação. *Catálogo de vidros*. 121 pags.
- SULLIVAN, C., 1994. Searching for nineteenth-century florida water bottles. *Historical Archaeology*, 28 (1):78-98.
- SYMANSKI, L. C., 1996. A louça na pesquisa arqueológica: análises e interpretações processuais e pós-processuais. *Revista do Cepa*, 20 (23):59-76.
- 1998a. *Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX*. Coleção Arqueologia 5, Porto Alegre: EDIPUCRS.
- 1998b. *Análise do vidro exumado do sítio histórico Solar Lopo Gonçalves*. Relatório de atividades semestral enviado à FAPERGS. 51 pags.
- SYMANSKI, L.C. e OSÓRIO, S.R., 1996. Artefatos reciclados em sítios históricos de Porto Alegre. *Revista de Arqueologia*, 9:43-54.
- WHITE, J.R., 1978. Bottle nomenclature: a glossary of landmark terminology for the archaeologist. *Historical Archaeology*, 12:58-67.
- ZANETTINI, P. E. e CAMARGO, P. B., 1999. *Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles?* Pré-print, 43 pp.



Foto 1: Itens de vidro do Solar Lopo Gonçalves: a) garrafa incolor de óleo de fígado, com as inscrições “Lanman & Kemp – New York” (produzida a partir de 1867); b) garrafa azul-cobalto de óleo de rícino (produzida a partir de 1850); c) garrafa verde de bebida carbonatada com topo tipo crown cap (produzida a partir de 1892); d) garrafa de vinho verde-escuro (de uso comum até 1870); e) garrafa de vinho ou champanhe amarela com selo apresentando as seguintes inscrições “Albert Prince of Gales and Princess Alexandra” (de uso comum até 1840); f) copo incolor com motivos decorativos em painéis e mitres alternados (segunda metade do século XIX); g) recipiente incolor de tampa de rosca para conserva (produzido a partir de 1858).